



# Rio de Janeiro

## Período Imperial - Neoclássico

Prof. Dr. Percival Tirapeli  
Instituto de Artes UNESP

# A Luz divina e jardim das delícias

As inúmeras perspectivas em vôo de pássaro das altas montanhas circundadas por lagoas calmas davam a sensação de vivência sublime do momento da criação





O impacto visual das florestas tocando as águas era o leitmotiv pitoresco 3  
procurado no mundo europeu a partir dos jardins românticos ingleses.

# Força da natureza

Misto de religiosidade ao comparar a terra ao paraíso perdido, as frondosas sombras assemelhavam-se ao jardim das delícias.

A natureza foi pródiga com todos curiosos que buscaram os melhores ângulos – românticos, neoclássicos, científicos e pictóricos.



A Glória, de Eduard Hildbrandt  
1844

# Artistas viajantes e cientistas

O início do século XIX é marcado pela mudança da família real portuguesa e toda corte para o Rio.

Acorreram para a cidade diversas missões de embaixadores e militares, artistas, desenhistas diletantes, curiosos pela natureza do novo império.



# Thomas Ender

Em terra, seus pontos de vista eram múltiplos em um só esboço. Nas aquarelas era capaz de ser correto e científico ao mesmo tempo, colocando a mudança de tempos e atmosferas captados pelas cores transparentes.

# Nicolas Antoine Taunay, 1755 – 1830.



Morro de Santo Antonio, 1816



Morro de Santo Antonio, 2006

Toda área inferior do quadro é tomada pela massa arquitetônica que o gosto neoclássico organiza e colore, como uma paisagem dos arredores de Roma. Ao fundo, o Pão de Açúcar.

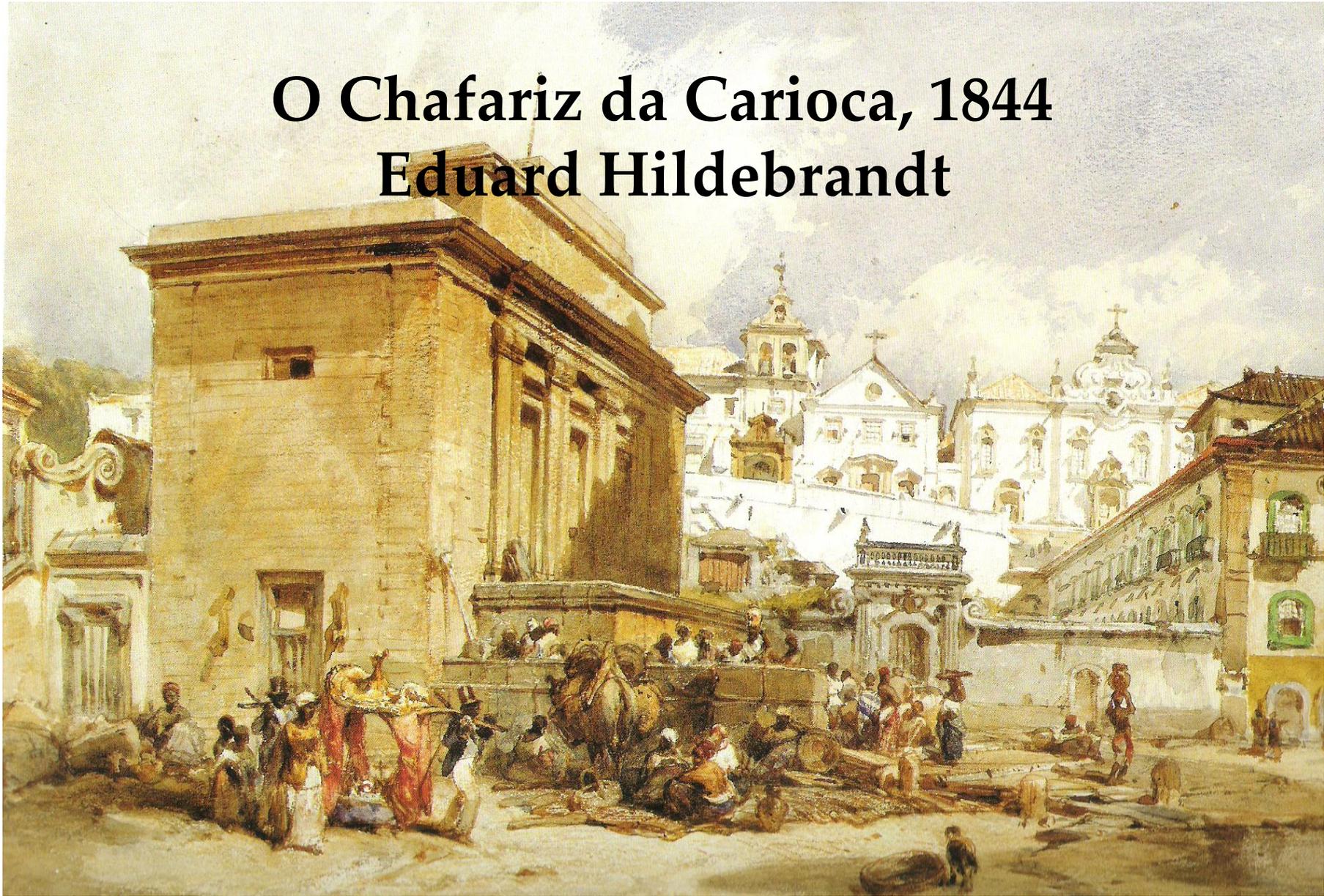
# Largo da Carioca, 1816 Nicolas Antoine Taunay



A cidade colonial mostra-se comprimida entre um rasgo de pedreira na montanha e o porto esfumaçado, e a bruma que apaga as montanhas do fundo. 8

# O Chafariz da Carioca, 1844

## Eduard Hildebrandt



Ressalta em primeiro plano a construção neoclássica da fonte, barra o olhar no muro cinzento, aprofunda com a perspectiva do casario. Explode em luminosidade o perfil recortado do conjunto franciscano.



Vista atual do Largo da Carioca,  
segundo a mesma perspectiva de Hildebrandt

# Lagoa Rodrigo de Freitas, Eduard Hildebrand



Composição romântica, segundo Gaspar Friederich,  
com a luz das águas em meio a um berço criado pelas montanhas pitorescas



Vista a partir do Cristo Redentor, no Corcovado

## Vendedor de Leite, Debret.



Dedicou-se a retratar os selvagens, a floresta, o trabalho escravo e corporativo do pequeno artesão urbano e ainda as manifestações públicas, festas populares, hábitos domésticos e acontecimentos políticos. Jean Baptiste Debret viveu na cidade entre 1816 -1831.

# Vista do Largo do Paço

## Jean Baptiste Debret, c. 1830.

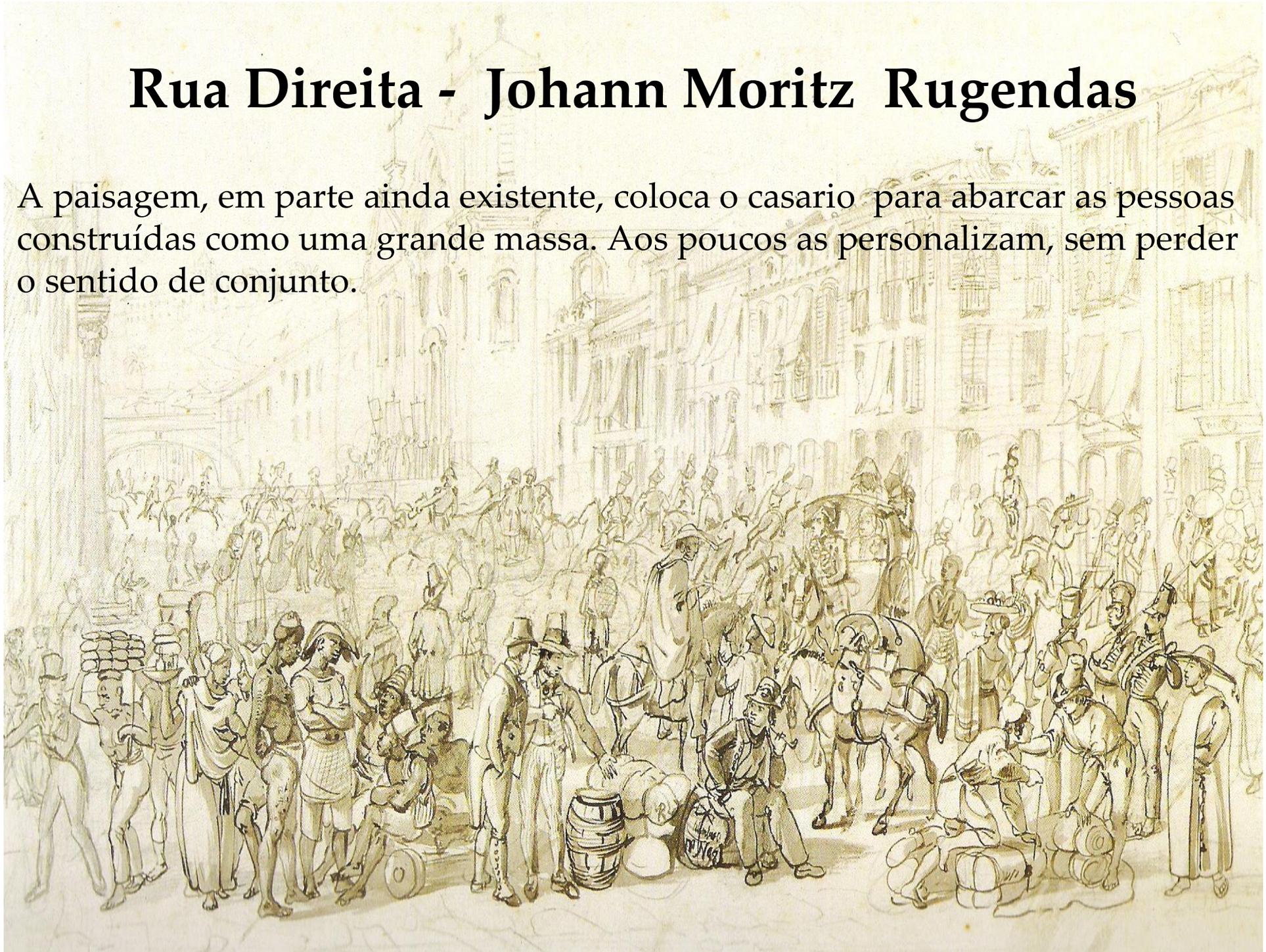
O Paço Imperial é o edifício do lado esquerdo do largo. Ao fundo vêem-se, da esquerda para a direita, o Convento do Carmo, a Catedral (antiga Igreja do Carmo) e a Ordem Terceira. No centro, em primeiro plano, o Chafariz de Mestre Valentim.



Coloca seus personagens emoldurados pelo casario no espaço cenográfico urbano da cidade vivenciada por indivíduos de todas as raças e classes sociais.

# Rua Direita - Johann Moritz Rugendas

A paisagem, em parte ainda existente, coloca o casario para abarcar as pessoas construídas como uma grande massa. Aos poucos as personalizam, sem perder o sentido de conjunto.





Grandjean de Montigny (1776-1850)  
Edifício da Aduana  
atual Centro Cultural França-Brasil



Solar Grandjean de Montigny – Gávea.



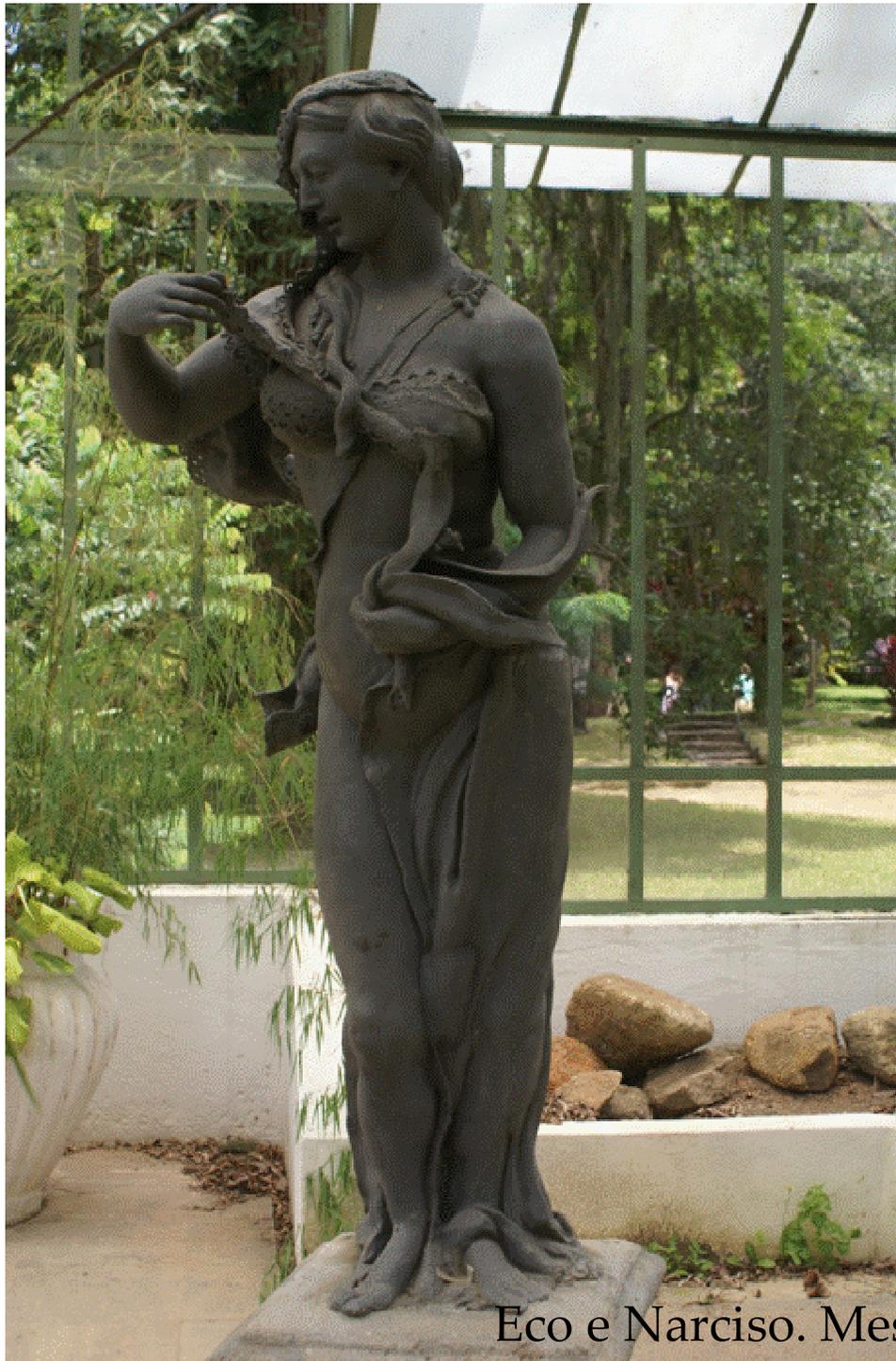
Portal da Academia de Belas Artes Jardim Botânico



Jardim Botânico



Casa da Moeda.



Eco e Narciso. Mestre Valentim, 1783

# Palácio do Itamaraty





Palácio do Itamaraty

# Os panoramas



Panorama do Rio de Janeiro em 1873, cromolitogravura de J. Vogler e Emil Bauch.

A esquerda o Pão de Açúcar, as enseadas do Botafogo e Flamengo.

A cidade antiga mais à direita com o porto, ilha das Cobras

Ao fundo o Corcovado e Floresta da Tijuca.

# O olhar fotográfico



Augusto Cesar de Malta Campos (1864-1957):  
o morro do Castelo, demolido em 1922 e a  
abertura da avenida Central.





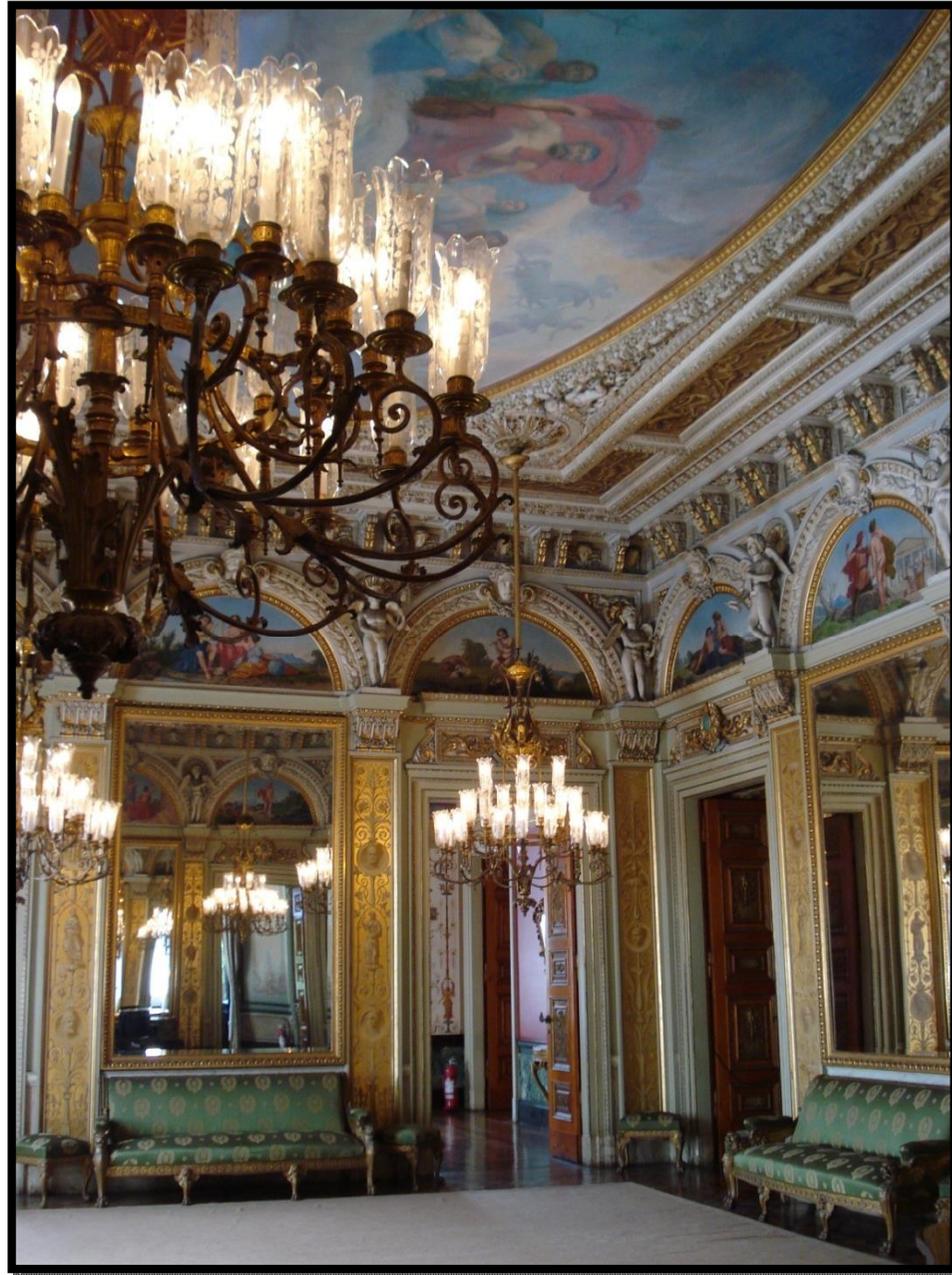
## Ecletismo: final do século XIX e início do XX

A cidade se renovou. Construção da Ilha Fiscal (1889), neogótico.





Teatro Municipal, 1903



Palácio do Catete, 1880

# Influência francesa



As praças receberam fontes francesas

Os palacetes receberam alegorias para ornar as platibandas e grades de ferro fundido para suas escadarias, como o palácio do Catete e residências dos bairros de Botafogo, Flamengo e Glória.



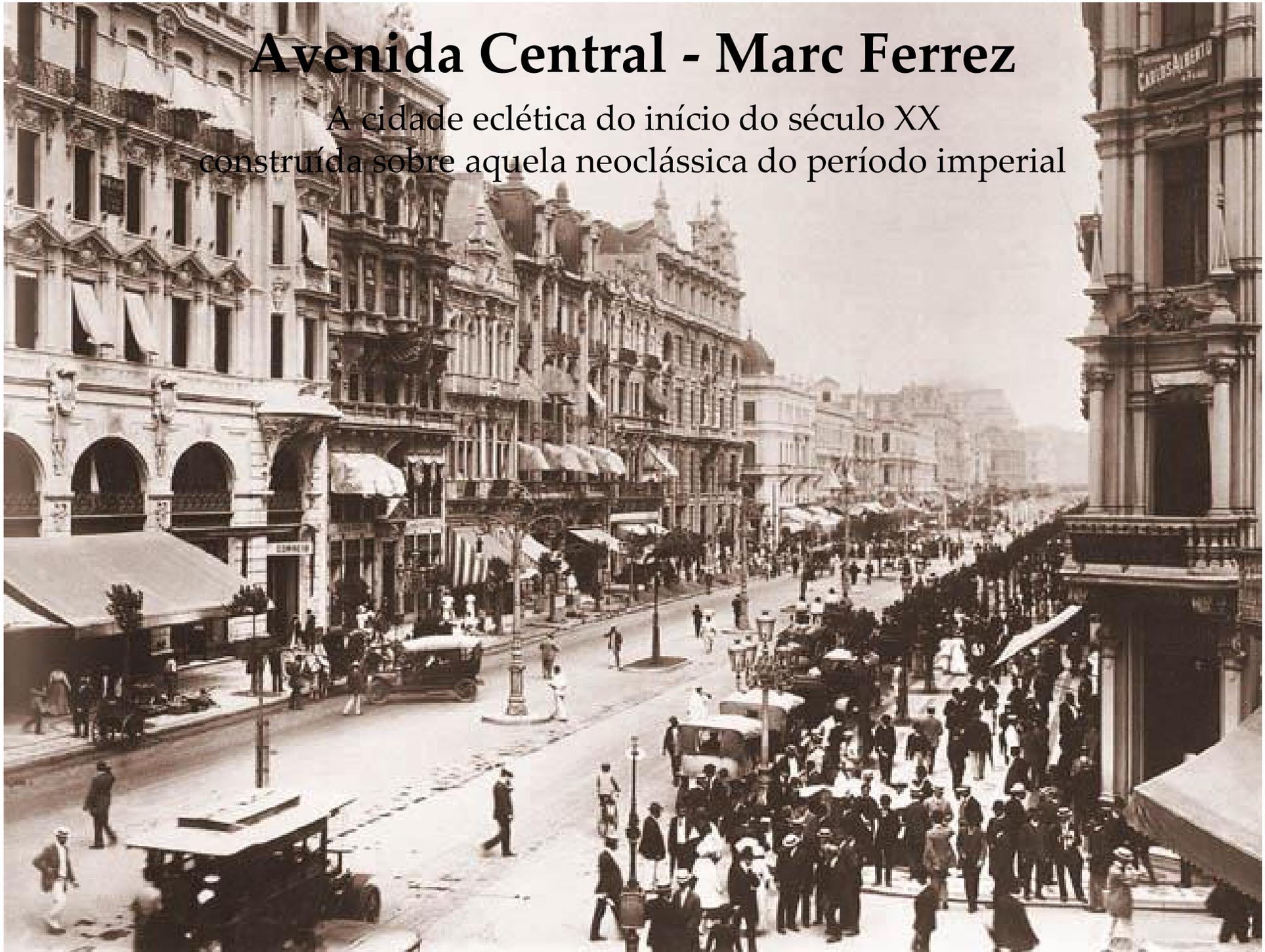
# Demolição do Morro do Castelo, 1922.



Foram demolidos 300 imóveis e retirados 66 mil metros cúbicos de terra. A população foi removida para os subúrbios e as obras de arte do início da cidade dispersas em diferentes locais. A cidade perdeu seu local de origem.

# Avenida Central - Marc Ferrez

A cidade eclética do início do século XX  
construída sobre aquela neoclássica do período imperial



# Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Apenas cinco edifícios restaram na avenida Central, atual Rio Branco.



# Nova planta da cidade do Rio de Janeiro

Início do século XX. Novo urbanismo da cidade no início do século XX, antes da demolição do Morro do Castelo (1922), para dar lugar à Avenida Central.

1. Morro do Castelo
2. Praça XV
3. Porto
4. Morro de São Bento
5. Morro de Santo Antônio



# Edifício Gustavo Capanema 1937- 41



Arquitetura moderna sobre pilotis e brise soleil.



As linhas sinuosas das montanhas  
e a poesia geométrica construída pelo homem



# O Pão de Açúcar e a paisagem construída da Avenida Central – Rio Branco



37

Os monumentos naturais convivendo com o urbanismo do país moderno

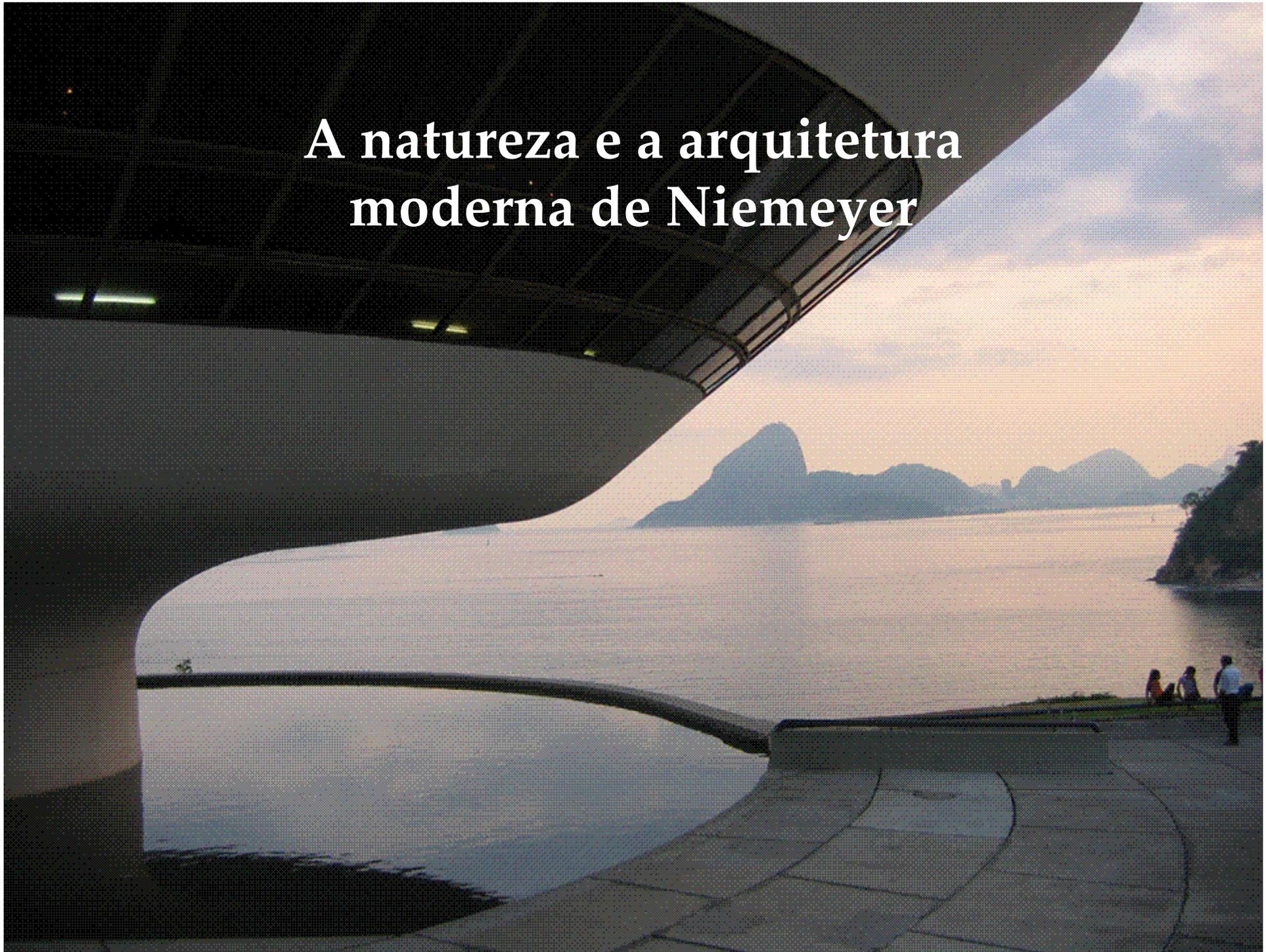
# O Colonial e o Pós-moderno

Chafariz da Praça XV de  
Novembro, de Mestre  
Valentim.

Atrás, a Bolsa de Valores no  
local do antigo Mercado de  
Peixes.



# A natureza e a arquitetura moderna de Niemeyer



# Museu Imperial de Petrópolis Júlio Frederico Koeler









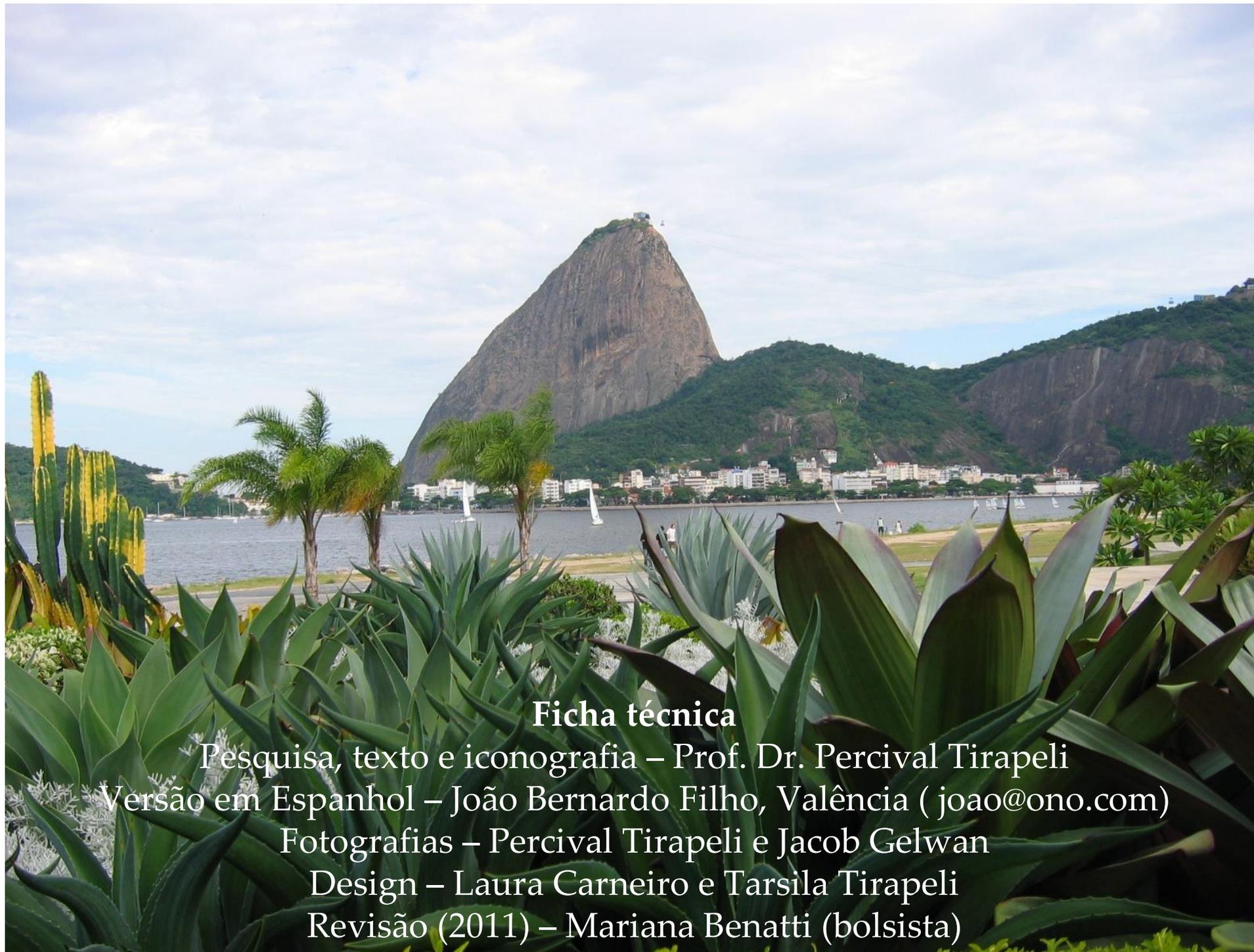




# Convivência do colonial com a pós-modernidade



Largo da Carioca, morro de Santo Antônio,  
Arcos da Lapa e mosteiro de Santa Teresa.



## Ficha técnica

Pesquisa, texto e iconografia – Prof. Dr. Percival Tirapeli

Versão em Espanhol – João Bernardo Filho, Valência (joao@ono.com)

Fotografias – Percival Tirapeli e Jacob Gelwan

Design – Laura Carneiro e Tarsila Tirapeli

Revisão (2011) – Mariana Benatti (bolsista)

**Percival Tirapeli** (1952), é pesquisador e professor livre-docente de Arte Brasileira e História da Arte, do Barroco ao Modernismo, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, UNESP.

**Publicações:**

*Coleção Arte Brasileira, 5 volumes, 2006.*

*Igrejas Paulistas: barroco e rococó, 2003*

*Festas de Fé, 2003, Metalivros.*

*Patrimônios da Humanidade no Brasil, 2000, Metalivros;*

*As mais belas igrejas do Brasil, Metalivros, 1999.*

*Arte Sacra Colonial: barroco memória viva, 2001*

